



Anfiteatro

“COM DINHEIRO OU SEM DINHEIRO, EU BRINCO”: ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NO DESFILE DA MANGUEIRA DE 2018

André Vianna Maricato¹

¹Mestre em Comunicação pela PUC Minas, andrevmaricato@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa, com fundamento na semiótica discursiva, alás do desfile da Mangueira de 2018, caracterizado por críticas políticas e pelo resgate de aspectos tradicionais do carnaval carioca. A partir da articulação dos temas e figuras do nível discursivo e das categorias plásticas analisadas nas fantasias, é possível identificar estratégias enunciativas da escola de samba que corroboram na construção de uma verdade, reforçando uma tentativa de fazer o público *crer* em um carnaval feito “sem dinheiro”.

Palavras-chave: Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, Estação Primeira de Mangueira, Semiótica Discursiva, Semiótica Plástica, Veridicção.

1. Introdução

Em 2018, a Estação Primeira de Mangueira levou o desfile “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco” para Marquês de Sapucaí. O enredo era uma crítica ao corte de incentivos públicos de 50% às escolas de samba feitos no mandato de Marcelo Crivella, prefeito eleito em 2016. Algumas críticas da Mangueira que faziam referência direta ao tema da “falta de recursos” para fazer o carnaval estavam materializadas em específicos trechos do samba-enredo, adereços e paramentações. A escola buscava também mostrar que, por consequência das ações do mandatário, os desfiles foram impactados. Porém, ao mesmo tempo, ignorou o suposto “boicote”, “desprezou” os recursos e colocou o seu carnaval “simples” na avenida.

No desfile estavam representados objetos velhos ou retirados do lixo, todos improvisados para o carnaval da escola. Esses elementos podem ser observados como figuras do discurso, em que o enunciador Mangueira deseja *fazer* o público *crer* que o desfile é feito “sem dinheiro”, apresentando os valores da “tradição” como alternativa para realização da festa.



Anfiteatro

Dessa maneira, o trabalho objetiva analisar as estratégias enunciativas que circunscrevem parte do desfile. Para isso, tomaremos como base uma pequena mostra: as alas “Vai como pode” e “Arengueiros: o sangue valente da nobreza verde e rosa”, alas em que as fantasias apresentam figuras importantes para a construção do tema da “falta de recursos” e da “tradição”. Elas serão analisadas a partir do arcabouço teórico da semiótica discursiva.

2. O discurso da “falta de dinheiro” e do “desgaste da tradição”

Para este trabalho torna-se importante remontar a oposição *tradição vs. espetáculo* que marca o enredo “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco”. Alguns discursos da escola que emanam do desfile transmitem a ideia de um resgate do carnaval tradicional. Os valores atribuídos ao carnaval da tradição (eufórico) estão atrelados à simplicidade, ao encontro e à alegria. Já o carnaval do espetáculo (disfórico) é marcado pelo luxo que distancia as classes populares da festa, pelo desgaste da tradição e pela anulação do espírito criativo dos que constroem a festa.

A Mangueira evidencia que o carnaval da atualidade não é tão bom quanto o do passado, utilizando de uma visão nostálgica e de um lirismo de “antigamente” para a construção de uma visão eufórica do carnaval popular tradicional. Isso pode ser exemplificado na letra do samba-enredo, em trechos como “pergunte aos seus ancestrais (...) dos antigos carnavais”; uma visão da tradição que está entrelaçada à simplicidade de brincar o carnaval: “já usei cetim barato (...) pra desfilarmos na Mangueira”; “pouco me importam o brilho e a renda”; “se faltar fantasia, alegria há de sobrar”.

Dessa maneira, por meio do quadrado semiótico é possível pensar que esse carnaval do passado é o ponto de partida (S1), festa que se desgastou ao longo do tempo perdendo os valores do encontro e da brincadeira, seja por consequência da mercantilização ou dos boicotes da oficialidade (não S1). Por consequência, o carnaval passa a ocupar a posição do espetáculo, do luxo e de estar sempre vulnerável frente à necessidade de recursos públicos e privados (S2). A Mangueira, então, afirma que é possível voltar a brincar o carnaval sob os princípios da tradição, comprometendo-se a compor um desfile “sem dinheiro” (não S2). O ponto de chegada



Anfiteatro é a materialização do contrato proposto aos públicos, de viver a festa sob os valores daquele carnaval do passado (S1).

3. Metodologia: desenredar o discurso carnavalesco

A semiótica discursiva tem como o seu maior expoente Algirdas Julien Greimas. Trata-se de uma “teoria da significação” (FIORIN, 2002, p. 13), que se ocupa das configurações do sentido, oferecendo procedimentos para compreender a produção e a apreensão de textos. O texto é o objeto de interesse da semiótica, em que são observadas as formas de organização textual e as marcas enunciativas.

Bertrand (2003, p. 11) afirma que a teoria se interessa pelo “parecer do sentido”, definição relevante para a construção metodológica deste trabalho, que considera analisar tanto o conteúdo quanto a expressão das fantasias delimitadas. Para isso, utilizaremos tanto o arcabouço teórico que alude às análises do plano do conteúdo (em que trataremos apenas da semântica do nível discursivo) quanto ao que discorre do plano da expressão, aprofundando na leitura da imagem por meio da vertente da semiótica plástica, alcançando assim uma “significação mais profunda” (FLOCH, 2004, p. 243) da superfície do texto.

Portanto, em um primeiro momento serão apreendidas as categorias cromática, eidética e matérica das fantasias, visando um distanciamento dos formantes plásticos antes de estabelecer qualquer revestimento discursivo. Logo, passando ao plano do conteúdo, serão analisados os temas e figuras. Por fim, ao articular os resultados, são identificadas no discurso da Mangueira estratégias de manipulação, isto é, uma estratégia discursiva que busca *fazer* o público *crer* no “verdadeiro” carnaval apresentado pela escola.

4. Análises: fantasias de lixo ou de luxo?

Em “Vai como pode” são predominantes tonalidades de azul e de branco. Além disso, há detalhes na cor prata, dourado, marrom e bege. A dimensão eidética é composta por linhas irregulares, variações curvilíneas e retilíneas, partes listradas e formatos disformes, pontiagudos e arredondados. A composição matérica apresenta

Anfiteatro fitas, tiras e retalhos de diversos tecidos leves, papéis variados, plástico, fibras, madeira, metal e plumas. Já em “Arengueiros: o sangue valente da nobreza verde e rosa”, a dimensão cromática apresenta predominantes tonalidades de verde e rosa e detalhes em roxo, azul, marrom, vermelho, dourado, prata, bege e branco. A dimensão eidética possui linhas irregulares, curvilíneas e retilíneas, formatos disformes, pontiagudos e arredondados e uma superfície convexa. A dimensão matéria obtém as mesmas unidades da ala “Vai como pode”.



Figura 1: Fantasias de “Vai como pode” e “Arengueiros: o sangue valente da nobreza verde e rosa”.

Passando ao nível discursivo, é reconhecido o tema do **resgate da tradição**. As representações das *bandeiras de Portela e Mangueira* – estampadas em panos rasgados – em cada uma das alas, trazem duas das escolas de samba mais tradicionais do Rio de Janeiro. Ademais, o nome *Arengueiros* lembra o começo da verde e rosa, o que exalta a história da escola e o início da trajetória relacionado aos *blocos sujos*, que partiam para o carnaval de qualquer jeito. Isso também faz parte do nome dado para ala “Vai como pode”. Esse foi o primeiro nome dado à agremiação Portela. O nome representa vestir o corpo com aquilo que tiver disponível, pois o principal objetivo é de ir para a festa.

Todas essas figuras constituem um tema de maior destaque para as alas, o da **falta de recursos para o carnaval**, o que leva ao espírito de **improvisação** da escola para fazer a sua festa. Durante a passagem das duas alas na transmissão da Rede



Anfiteatro Globo, o comentarista especializado, Milton Cunha, falou: “Estandartes em *cabo de vassoura!* Olha a *piçava!*”, evidenciando as figuras dos instrumentos (pouco utilizados, mas funcionais) que os componentes levavam nas mãos. Outras figuras concretizam esse tema, como os utensílios domésticos *canecas de alumínio*, *panelas* e *funis* pendurados, a *espinha de peixe*, os *tecidos velhos, rasgados e emendados* dos mais variados tipos, caracterizando uma forma *maltrapilha* de fantasia. Esses elementos “reciclados” estão combinados com o alto de cada fantasia: em “Vai como pode”, uma peruca “ao modo de corte francesa de Luís XVI” e, em “Arengueiros”, um “chapéu de nobre emplumado”. Os farrapos, vassouras, utensílios e lixo não apenas contrastam, mas rebaixam e satirizam traços elevados da fantasia.

Dessa forma, pode-se observar que as figuras da composição das fantasias das duas alas podem ser classificadas como “descartáveis”, “quinquilharias”, “lixo”, “ferro velho” e “antiguidades”. Essas figuras representam no discurso da escola de samba a falta de dinheiro para produzir o carnaval. Entretanto, a partir das categorias plásticas apreendidas, observa-se uma composição comum ao que é usual na produção artística “refinada” das escolas, isto é, os tecidos, papéis, plásticos, plumas, etc – que compõem a dimensão matérica –, atenuados pelos padrões cromáticos e eidéticos, determinam um trabalho profissional exercido sobre os adereços.

5. Considerações finais: “o problema da verdade”

Como foi apresentado, a identificação de figuras que compõem o tema “sem dinheiro” foi apreendida, com base em uma teoria da significação: a semiótica. A partir disso, observamos, ainda, que a busca do destinator Manguera – em uma estratégia de manipulação – envolve a criação de um simulacro do carnaval, um mundo que é construído discursivamente pela escola, que apresentou figuras do lixo e da sucata em fantasias maltrapilhas e alegorias aos pedaços. Há, dessa maneira, uma estratégia de criar um efeito de sentido de que os materiais utilizados são baratos e que não exigiram demasiado recurso, o que não é verdade.

Esse fator é perceptível nos acabamentos e ao pressupor que cada parte mínima do desfile é submetida à análise de jurados em um campeonato de carnaval



Anfiteatro que pode render uma grande premiação. Por exemplo, na passagem de outra ala do desfile, intitulada “Vai como pode no meio da multidão”, o comentador Milton Cunha responde sobre os acabamentos das fantasias que compõem a ala: “Há um cuidado estético gigantesco, não vai cada um como quer não!”.

Portanto, podemos investigar, mesmo que brevemente, o “problema da verdade”, ou melhor, da “veridicção” no interior do discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 530). As modalidades veridictórias do *ser* e do *parecer* combinadas no quadrado semiótico colaboram para esclarecer determinados pontos com relação ao texto da Mangueira, revelando sentidos de “verdade”, “mentira”, “falsidade” e “segredo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 532). Assim, o desfile *parece* ser “sem dinheiro”, mas, na verdade, é feito “com dinheiro” (*ser*). Dessa forma, a partir do quadrado que configura as relações de veridicção, o texto da escola pode ser compreendido como uma “mentira”, pois “parece”, mas “não é”. No entanto, deve ser levado em consideração o efeito lúdico das representações criadas no espetáculo carnavalesco. A busca por fazer o sujeito *crer* em um desfile “sem dinheiro” demonstra a tentativa de desvalorizar as competências que deveriam ser doadas pela prefeitura, ou seja, em supostamente desprezar os subsídios públicos que foram cortados. Todos esses pontos emergem dos conflitos em torno desse acontecimento e trazem estratégias discursivas a partir dos textos analisados neste trabalho. Assim, a escola tematiza, no discurso, a falta de recursos, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, textualiza um carnaval do espetáculo, do luxo.

Referências

BERTRAND, D. **Caminhos de semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

FLOCH, J. M. De uma crítica ideológica da arte a uma mitologia da criação científica: Immendorf 1973-1988. In: OLIVEIRA, A. C. (Org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.